

A AVALIAÇÃO EM TURMAS DE SEXTOS ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL EM DEBATE

REGINALDO, Danúbia Roberta Pereira¹

SILVA, Itamar Mendes²

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho compõe estudos realizados no âmbito da linha de pesquisa Docência e Gestão de Processos Educativos do Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Educação da Ufes e discute a avaliação na relação ensino-aprendizagem em turmas de sextos anos do ensino fundamental.

Considerando os estudos realizados acerca da temática e experiências profissionais se busca aprofundar questões inerentes às práticas avaliativas que subsidiam registros, notações e decisões que tem por base o rendimento escolar dos alunos.

Discutir a avaliação da aprendizagem no contexto indicado se torna relevante em virtude de que mesmo após extensos debates e estudos a avaliação da aprendizagem continua sendo um problema prático que mobiliza as escolas e os professores.

O sexto ano marca a passagem de uma forma de organização do ensino para outra, o que impacta as formas de ensinar e aprender e, em especial, de avaliação. Aos estudantes e aos professores o sexto ano representa desafio para adaptação aos novos ritos e exigências. Os primeiros deixam de ter um único docente – pedagogo e polivalente – para suas questões de aprendizagem e passam a ter que estabelecer relações com vários mestres de formações, maneiras de organizar o trabalho e até personalidades diferentes. Os segundos recebem estudantes em fase de transição e com necessidades de acompanhamento maiores que estão acostumados a dispensar aos mais adiantados. Além disso, a formação desses docentes não prevê suficiente preparo para tratar com a questão do ensino nesse contexto e, menos ainda, da avaliação da aprendizagem.

¹Professora da Rede Municipal da Serra, atuando nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e Professora em Assessoramento Pedagógico dos Anos Finais do Ensino Fundamental. Mestranda do PPGMPE. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas Gestão, Trabalho e Avaliação Educacional – GETAE.

² Professor associado da Universidade Federal do Espírito Santo atuando na graduação e Pós-graduação – PPGMPE. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa: Gestão, Trabalho e Avaliação Educacional – GETAE.

Dessa forma, objetiva-se nessa pesquisa discutir práticas avaliativas utilizadas com os alunos das turmas de sextos anos do Ensino Fundamental e refletir sobre perspectivas para essa avaliação.

2. AVALIAÇÃO E RENDIMENTO ESCOLAR: DILEMAS

A avaliação vai além do medir, do comparar, julgar ou do classificar o aluno num procedimento onde o avaliador determina a capacidade e o desenvolvimento do aluno por meio de testes e notas. Assim, a forma de avaliar onde se busca os erros e acertos deve ser superada por uma avaliação que seja capaz de agregar à prática educacional elementos de crítica e transformação. Que a escola possa ser identificada como um lugar de sujeitos agentes onde não apenas as crianças aprendam, mas todos juntos cresçam, produzam conhecimentos e reavaliem suas formas de ação com vistas aos objetivos coletivamente traçados.

A avaliação deve ser capaz de explicitar a realidade de aprendizagem vivenciada por educadores e educandos (FREIRE, 1996). Impacta e necessita de uma proposta pedagógica para a diversidade, o respeito sociocultural e um ambiente interativo, um professor curioso e investigador, que diagnostica as conquistas alcançadas pelos educandos, apoiando-os, acompanhando-os e lhes possibilitando novos desafios. Sendo permanente a observação, o registro e reflexão para o fazer pedagógico (FERNANDES, 2009).

Freire (1996) destaca o diálogo, o conhecimento e o inacabado como tentativa de subsidiar as discussões acerca da avaliação da aprendizagem. O autor ainda defende que o conhecimento é uma construção que se dá no embate do cotidiano entre sujeitos, que o diálogo pressupõe relações democráticas que devem ser compartilhados. Remete-se, portanto a ideia de troca de informações e não de transferência de um para o outro, nesse sentido a avaliação não pode ser algo que se estabeleça de forma autoritária, nem imposta por apenas uma das partes, pelo contrário necessita se construir como um processo de investigação e crescimento permanente com a participação de todos os envolvidos.

Segundo Luckesi (2002, p.35) “Com a função classificatória, a avaliação constitui-se num instrumento estático e frenador do processo de crescimento [...] subtrai da prática

da avaliação aquilo que lhe é constitutivo: a obrigatoriedade da tomada de decisão quanto á ação, quando ela está avaliando uma ação.”

A avaliação se caracteriza, finalmente, como ação reflexiva, crítica e emancipatória, que rompe com um processo passivo, repetitivo e alienante. Para que isso ocorra é preciso que o professor abra mão do uso autoritário da avaliação, reveja a metodologia utilizada em sala de aula, redimensione o uso da avaliação, tenha uma nova postura diante dos resultados avaliativos, crie novos conceitos com os alunos, colegas e pais. (VASCONCELLOS, 2008)

Instrumentos de Avaliação e Impactos no Rendimento Escolar

Haydt (2004) afirma que os instrumentos de avaliação são recursos usados para obter as informações desejadas e que dependem da natureza da área de estudo ou do componente curricular, dos objetivos visados, das condições de tempo do professor e do número de alunos.

Assim, a avaliação passa a ser uma ação crítica e transformadora, onde o professor acompanha o seu grupo, investigando, observando e refletindo sobre o educando, sobre o grupo, sobre sua prática pedagógica e sobre a instituição; fazendo da avaliação um processo que deve ser incorporado na sua prática, em que todas as experiências, manifestações, vivências, descobertas e conquistas dos educandos sejam valorizadas, com o objetivo de revelar o que já é dominado/conhecido e o que ainda falta garantir.

Tal perspectiva de avaliação alinha-se com uma escola democrática, inclusiva, que considera as possibilidades de realização de aprendizagens por parte dos estudantes. Essa concepção de avaliação parte do princípio de que todas as pessoas são capazes de aprender e de que as ações educativas, as estratégias de ensino, os conteúdos das disciplinas devem ser planejados a partir desse pressuposto. (FERNANDES 2007, p 20).

Os instrumentos de avaliação têm como objetivo diagnosticar o aprendizado com vistas a fundamentar decisões de continuidade dos trabalhos que coletivamente são desenvolvidos por estudantes e professores. Qualquer instrumento e/ou procedimento que fuja deste caminho não se coadunam com uma proposta de educação democrática e/ou de avaliação formativa e processo do aprender. Os instrumentos devem permitir ao professor e ao estudante diagnosticar o aprendizado frente ao que se pretendia, podendo

assim oferecer ao estudante elementos para a consciência de seu aprendizado e ao professor condições de orientação e reorientação do processo de ensino-aprendizagem.

No entanto, essas concepções ensejam mudanças que "[...] não podem ser impostas, precisam ser construídas cotidianamente de modo que a perspectiva democrática vá impregnando as práticas, sendo incorporada pelo senso comum, convencendo as pessoas e se constituindo como consenso." (ESTEBAN, 2001, p.187).

3.METODOLOGIA

A metodologia usada no presente estudo se dá de forma qualitativa com caráter descritivo e inspiração em estudo de caso quanto aos meios de investigação. Tendo em vista que o objeto de estudo do referido projeto são as práticas avaliativas que os professores utilizam com os alunos das turmas de sextos anos do ensino fundamental. Nessa perspectiva, a abordagem qualitativa se constitui como indicada a este estudo, pois tem preocupação com o processo mais do que com o produto, além da atenção do pesquisador para o significado que os sujeitos dão as coisas e à sua vida (LUDKE; ANDRÉ, 1986).

Também são utilizados na pesquisa os seguintes métodos de coleta de dados: observação, diálogos e entrevista semi-estruturada. Para desenvolver o referido estudo, selecionamos como *locus* investigativo escolas municipais de ensino fundamental, tendo como principais colaboradores na pesquisa os professores das turmas de sextos anos.

4ANÁLISES

É notório que a prática de avaliação da aprendizagem tem sido marcada por concepções equivocadas, como mecanismo seletivo, excludente e classificatório. Com a necessidade de romper com estas concepções excludentes de avaliação constatou-se a necessidade de compreender a importância da avaliação nas turmas de sextos anos do ensino fundamental. É preciso superar esta prática excludente que contribui de forma insatisfatória para a qualidade do aprendizado, além de dificultar o acesso ao conhecimento. Os professores, em sala de aula, tentam atacar o desinteresse do aluno

pelo conhecimento praticando uma avaliação autoritária, seletiva e excludente. Para Fernandes (2009, p.29) “continuam a predominar práticas de avaliação que, no essencial, visam a classificação, em detrimento de práticas que também tenham em conta a necessidade de melhorar e de compreender o que se tem de aprender”.

Referências

ESTEBAN, M. T. **Avaliação: uma prática em busca de novos sentidos**. 3 ed., Rio de Janeiro: DP & A, 2001

FERNANDES, Claudia de Oliveira. **Indagações sobre currículo: currículo e avaliação**. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Brasília/DF – 2007

FERNANDES, Domingos. **Avaliar para aprender: fundamentos, práticas, e políticas**. São Paulo: Unesp, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, Paz e Terra. 1996

HAYDT, Regina Célia. **Avaliação do processo ensino-aprendizagem**. 6ºed. São Paulo: Ática, 2004.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 12ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LUDKE, Menga & ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo, Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

VASCONCELLOS, C. d. S. **Avaliação: concepção dialética-libertadora do processo de avaliação escolar**. 18ª ed. São Paulo: Libertad, 2008.